

[NÚMEROS - Levantamento é nacional, mas mostra quadro que se encaixa na realidade local; conselhos tutelares fazem vários atendimentos para esse fim

15% dos desaparecidos jamais são encontrados

Letícia Jury

A Secretaria Especial dos Direitos Humanos, da Presidência da República, estima que aproximadamente 40 mil ocorrências de desaparecimento de crianças e adolescentes são registradas anualmente nas delegacias de polícia de todo o país. Deste total existe um percentual significativo de 15% em que os desaparecidos jamais são encontrados pela família. Em Anápolis, o Conselho Tutelar não possui dados específicos de crianças desaparecidas, mas aponta que dos mais de 300 atendimentos mensais, boa parte se refere a este problema.

Segundo o conselheiro tutelar da região Leste, Carlos Augusto Dias Leite, muitos pais buscam o órgão para comunicar o desaparecimento dos filhos ou para fazer reclamações dos mesmos. "Há aqueles que chegam com as crianças e dizem que não conseguem mais cuidar delas, pois vivem nas ruas, usam drogas, e ainda nos pede que os coloque em abrigos", lamenta.

Enquanto outros, informa o conselheiro, chegam ao Conselho Tutelar desesperados em busca de notícias dos menores, que saíram de casa para ir a escola, por exemplo, e não mais voltaram, ou aqueles que realmente disseram aos pais que não mais voltariam. "Muitos não acreditam que os filhos vão tomar essa decisão e se desesperam depois", diz.

Conforme o atendimento diário do órgão a faixa etária das crianças que desaparecem em Anápolis varia de 10 a 17 anos. Outra constatação é que na maioria dos casos, os menores estão envolvidos com drogas e saem de casa para pedir ou cometer pequenos furtos para manter o vício, e as meninas, com idade intermediária de 13 a 16 anos, buscam a prostituição.

O conselheiro informa ainda que problemas de de-

sajuste familiar e maus tratos também levam as crianças a 'desaparecerem de suas casas'. Muitos não conseguem conviver com padrastos, ou madrastas, e são vítimas de violência física em decorrência da embriagues dos pais, o que leva os mesmos a fuga.

AMIZADE

O Conselho Tutelar informa ainda que é comum os marginais de Goiânia e Brasília, principalmente do entorno, vir até Anápolis para convencer crianças e adolescentes a 'fugirem de suas casas'. "Como o Juizado da Infância e Juventude da cidade é bastante rígido para coibir a prostituição infantil, muitas garotas são levadas para se prostituírem no interior e em outros estados", revela.

Situação semelhante acontecem com os meninos, que são convencidos a sair da cidade para cometer pequenos furtos, se integrar a quadrilhas de tráfico de drogas ou para permanecer nas ruas como pedintes. Geralmente eles saem da cidade com a ajuda de maiores, para driblar a fiscalização do Juizado.

Quanto ao seqüestro de crianças e adolescentes, o conselheiro informa que são raros os casos. Há reclamações de pais que dizem estar sendo ameaçados por telefone, que os filhos têm sido seguidos por pessoas estranhas. Mas, não há registros.

Carlos Leite orienta a família que busque o Conselho Tutelar de forma preventiva, e não somente quando o problema estiver "sem solução". "Nós temos a função de orientar, encaminhar a programas sociais e de saúde. Mas, quando a bomba estoura fica difícil de ajudar", explica.

O conselheiro explica que mediante o desaparecimento das crianças e adolescentes, o Conselho busca informações junto à família para se chegar aos menores, que geralmente estão em casas de amigos ou familiares. Mas, há casos em que não há pistas e por isso, é preciso buscar a Delegacia do Menor.



CARLOS AUGUSTO: "O desajuste familiar contribui nos desaparecimentos"



ELISABETH GOMES: "Pais omissos e filhos cansados de maus-tratos"

Pais desesperados, filhos alheios

As histórias são sempre as mesmas. Os pais desesperados com o 'sumiço' dos filhos chegam aos 'prantos' no Conselho Tutelar e 'exigem' que o órgão traga os menores de volta. Muitos chegam a afirmar que não sabia que o filho "não ficava em casa na maior parte do dia, e que estava envolvido com drogas e álcool". Muito chegam a afirmar que os filhos são "anjos, crianças boas e sem maldade, e que o lar é tranquilo, que não há problemas, por isso desconhecem o motivo da fuga".

Mas, é claro que há aqueles que procuram o Conselho Tutelar mais 'estressados do que preocupados' realmente com o filho.

Denigrem a imagem dos mesmos e "joga a responsabilidade para os conselheiros". Esses são os famosos "lavo as minhas mãos", que omissos querem que o órgão resolva de qualquer forma o problema.

Na última quinta-feira, ocasião em que a reportagem estava no órgão para fazer a matéria, uma mãe conversava com os conselheiros sobre a filha, que sai todos os dias pela manhã com o namorado e retorna apenas no outro dia. Na ocasião, ela não poupou os 'chamamentos pejorativos' à adolescente, a qualificando como uma 'ovelha negra em um lar totalmente equilibrado'.

LADO

Segundo a conselheira da região oeste, Elisabeth Gomes, há dois lados no que se refere ao desaparecimento dos menores, o lado dos pais, que na maioria dos casos são omissos, e dos filhos que cansados de maus-tratos decidem abandonar o lar. Segundo ela, muitos pais reclamam dos filhos, mas eles são os culpados, pois não 'souberam' constituir um núcleo familiar.

Ela avalia que o 'desequilíbrio da família, a falta de preparo, a ausência de diálogo e o próprio abandono desses menores na rua é que os leva para o distanciamento. "A verdade é que eles encontram na rua, o que não

tem em casa", explica.

Quando os conselheiros conversam com esses adolescentes, que fugiram de casa, eles expõem claramente que não gostam da família, que são vítimas de violência doméstica. Muitos até ficam revoltados com o Conselho Tutelar e pedem para que não sejam levados ao encontro dos pais.

No entanto, muitos revelam também aos conselheiros os problemas da "rua", como por exemplo, o 'estupro', que acontece principalmente nas praças da cidade, pelos próprios mendigos, que trocam uma comida, ou uma coberta, por uma relação sexual, independente do sexo do menor.

No dia 31 de julho de 2007, quando Anápolis completa 100 anos, a urna enterrada em 1957 será resgatada e substituída por outra que deve permanecer no local por mais meio século

Após 50 anos, a história se repete



URNA está enterrada na Praça Bom Jesus, no gramado ao lado do chafariz

Dia 31 de julho de 1957, a cidade de Anápolis foi despertada às 4 horas, por foguetes que "espocavam no espaço e pelos belos dobrados executados pelas bandas de música da Polícia Militar e do Colégio Estadual de Anápolis", como retrata a escritora e jornalista Haydée Jayme, em sua obra 'Anápolis, sua vida, seu povo'. Passados 50 anos, o município se prepara para repetir a 'história', que terá como marco a abertura da 'urna' e o depósito de uma nova.

Contam os registros históricos que às 8h30, na Praça Santana, celebrou-se a missa campal, oficiada pelo arcebispo de Goiás, Dom Fernando Gomes Ribeiro. À solenidade compareceram várias autoridades, entre elas o então governador do Estado, José Ludovico de Almeida, o senador Jerônimo Coimbra Bueno, o prefeito municipal

Carlos de Pina, o presidente da Câmara dos Vereadores, Anapolino de Faria, juizes de direitos e políticos de cidades vizinhas.

Após a missa seguiu-se o desfile das corporações militares e estudantis, dos esportes, bem como carros alegóricos e instituições particulares. Os populares subiram até à praça Bom Jesus, aonde se realizou a inauguração do busto de Gomes de Souza Ramos.

Logo após essa solenidade, segundo Haydée Jayme Ferreira, "fechou-se a urna, sendo a mesma colocada ao pé do obelisco onde ardia o fogo simbólico". Francisco Garcez foi quem teve a idéia de confeccioná-la, de forma cilíndrica, dentro do qual seriam colocados três vidros grandes, que continha mensagem dos anapolinos.

Internamente ela sofreu

um tratamento especial para resistir aos rigores do tempo e os vidros foram calafetados com parafina. No dia 31 de julho deu-se o fechamento da mesma, sobre a qual foram chumbadas duas placas de bronze fundidas pelos irmãos Steckelberg, para ser aberta 50 anos depois.

CENTENÁRIO

De acordo com a organizadora dos festejos do Centenário, Ivana Pazin, os documentos já foram entregues para serem colocados na nova urna, que será enterrada no mesmo local da outra, no dia 31 de julho deste ano. Segundo ela, foram entregues fotografias, cartas, jornais, diários.

Estudantes de escolas municipais e estaduais entregaram ao comitê documentários (impressos), livros sobre a história da cidade

confeccionados em salas de aula e trabalhos acadêmicos, todos com intuito de mostrar as futuras gerações a Anápolis do ano de 2007. Os escritores da União Literária Anapolina também participaram da montagem da urna, por meio de doação de suas obras.

Até o dia 31 deste mês podem ser entregues para ser depositados na urna, os 'objetos'. Segundo a organização muitas pessoas têm levado cds e dvds, e questionam se podem ser depositados 'pen drive', dentre outros objetos eletrônicos. Após recolher todo o material é que a urna será confeccionada. "Não fizemos ainda, pois não sabemos a quantidade de coisas que vamos enterrar. Vamos fazer uma urna que caiba tudo que os anapolinos quiseram guardar de lembrança", informa Ivana Pazin.